

514
FRANCISCO FERNANDES LOPES

A MÚSICA
DAS
CANTIGAS DE
SANTA MARIA
E
OUTROS ENSAIOS

CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO
1985

FRANCISCO FERNANDES LOPES

A MÚSICA DAS
CANTIGAS DE SANTA MARIA
E
OUTROS ENSAIOS

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO ESCRITOR
(1884-1984)



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES DO I CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE FRANCISCO FERNANDES LOPES

TODOS OS LIVROS SÃO NUMERADOS E AUTENTICADOS
PELA CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO.

A MÚSICA DAS
CANTIGAS DE SANTA MARIA
E
OUTROS ENSAIOS



0514

Execução gráfica e revisão:
AGÊNCIA CMC - Publicidade
R. D. Francisco X. Noronha, 4-6. Dto.
Tel. 275 33 13 — 2800 ALMADA

Impressão:
ROLIMPRI — Artes Gráficas, Lda.
Cova da Piedade — 2800 ALMADA

TIRAGEM: 1000 exemplares

SETEMBRO DE 1985

A 183.^a das Cantigas de Santa Maria do Rei Sábio*

Não é, por certo, novidade já para ninguém, que o Algarve, como reino, é mais velho que o velho reino de Portugal que por fim o anexou e incorporou definitivamente; e que, portanto, antes de ter tido reis *portugueses*, teve outros reis. Assim era precisamente rei do Algarve — aos seus títulos o acrescentava e como tal acabou por ser reconhecido —, Afonso X, rei de Castela e Leão, quando D. Afonso III de Portugal, tomando Faro, esperava ultimar a conquista do velho reino mouro algarvio... Sabe-se, também, como a complicada questão jurídica daí originada veio a rematar pelo conchavo matrimonial de que nasceria D. Dinis que foi assim, de plena legitimidade, o primeiro dos reis *portugueses* do Algarve.

Ora o último rei mouro deste velho reino fora o célebre Aben-Afan do poema *D. Branca* de Garrett — o Ibn Mafot doutros autores, o Aben Mafon que adiante aqui encontraremos, — o qual precisamente doara ao príncipe Afonso de Castela os seus domínios do Algarve de hoje, reduzindo-se a ser assegurado como rei de Niebla, ou seja, do Algarve de além-Guadiana...

Foi no tempo deste "Aben Mafon" que "em Faaron", vila já "de Santa Maria", teria acontecido o milagre que versa uma das cantigas musicadas de milagres e louvores de Santa Maria, da autoria ou sob autoria do dito Afonso X, o *Rei Sábio*. É a cantiga que nos dois códices da Biblioteca do Mosteiro de S. Lourenço do Escorial, — o B. I. 1 e o T. I. 1, que, para simplificação de referência propus designarem-se

* Ensaio publicado no *Correio do Sul*, 4-XII-1947.

respectivamente por *B.* e por *T.* (v. o meu estudo: *A música das Cantigas de Santa Maria e o problema da sua decifração*, in revista *Brotéria*, Janeiro de 1945)¹. — figura com o número 183, e cuja letra já há anos foi publicada no *Correio do Sul* a propósito da questão das romarias debatida neste jornal, com o meu malogrado colega Dr. Carlos Pedro Cabrita. (v. n.º 613, de 18 de Novembro de 1928).

Encontra-se publicada a letra, como também se sabe, a págs. 257-258 da monumental edição que em 1889 a Real Academia Española deu à estampa por obra do Marquês de Valmar; e, conforme à disposição ali adoptada, — quadra por estribilho e oitavas por estrofes — se fizera a citada reprodução.

Reproduzo de novo a letra, porém dando-lhe a disposição que me parece mais acertada: dístico por estribilho e quadras por estrofes, conservando-lhe todavia a ortografia original, dada pela edição referida:

CLXXXIII

**Esta é d'un miragre que mostrou Santa María em Faaron
quando era de mouros**

*Pesar à Santa María / de quen por desonrra faz
d'ela mal a ssa omàgem, / et caómia-ll' — o assaz.*

D'esto direi um miragre / que fezo em Faaron
A Uirgen Santa María / en tempo d'Aben Mafon
que o reino do Algarue / tijnn' aquela sazón,
a guisa d' om' esforçado / quer em guerra, quer en paz.

Pesar à Santa María / de quen por desonrra faz...

En aquel castel' auía / omágen, com' apres' ei,
da Uirgen mui groriosa / feita como uos direi
de pedra ben fegurada; / et, com' eu de cert' achei,
na riba do mar estaua / escontra ele de faz.

Pesar à Santa María / de quen por desonrra faz.....

¹ Veja pág. 18 deste volume.

Ben do tempo dos crischãos / a sabían y estar,
 et porende os catiuos / a yan sempr' aorar;
 et Santa María uila / de Faaron nomēar
 por aquesta razon foron. / Mas o poboo maluaz

Pesar à Santa Maria / de quen por desonrra faz.....

Dos mouros que y auia / ouueron gran pesar én,
 et en o mar a deitaron / sannudos con gran desden;
 mas gran miragre sobr' esto / mostrou a Uirgen que ten
 o mund' en seu mandamento, / a que soberuia despraz.

Pesar à Santa Maria / de quen por desonrra faz.....

Ca fez que niun pescado / nunca poderon prender
 en quant' aquela omágen / no mar leixaron iazer.
 Os mouros, pois uiron esto, / fóron-a d' ali erger
 et poséron-a no muro / entr' as amēas em az.

Pesar à Santa Maria / de quen por desonrra faz.....

Des i tan muito pescado / ouueron des enton y,
 que nunca tant' y ouueran, / per com' a mouros oy
 dizer et aos chrischãos / que o contaron a mj.
 Porén loemos a Uirgen / en que tanto de ben iaz.

*Pesar à Santa Maria / de quen por desonrra faz
 d'ela mal a ssa omágen, / et caómia-ll' — o assaz.*

Quase me pareceria desnecessário uma espécie de paráfrase ou tradução livre... Todavia, não quero deixar de liberrimamente dizer em prosa como entendo a letra da dita cantiga:

“Santa Maria tem pesar de quem, em desonra dela, faz mal à sua imagem; e por isso humilha bastante quem assim procede.

Deste facto contarei um milagre que ela fez em Faro, em tempo de Aben Mafon que naquela época era senhor do reino do Algarve, a modo de homem esforçado quer na guerra, quer na paz.

Naquele castelo havia, como eu vim a saber, uma imagem da Virgem gloriosíssima, feita, como vos direi, de pedra, bem figurada; e, como eu achei que era certo, estava na riba do mar, contra ele, de face.

Sabia-se que esta imagem estava ali já desde o tempo dos cristãos, e por isso, durante o domínio dos mouros, os cristãos, cativos deles, continuavam a vir adorá-la sempre; e por esta razão se chamara, à vila de Faro, Santa Maria. Mas o povo maldito dos mouros que aí havia teve grande arrelia com isso; e, irados, com grande desdém, deitaram a imagem ao mar. Mas grande milagre então fez a Virgem que manda no mundo e a quem desagrada a soberba; porque fez que nunca mais os mouros pudessem apanhar peixe nenhum enquanto deixaram ficar a sua imagem no mar. Os mouros, logo que viram isto, foram-na tirar dali e vieram pô-la na muralha, entre as ameias, em frente ao mar.

Desde então tiveram muito peixe, tanto como nunca tinham tido, conforme eu ouvi dizer a mouros e aos cristãos que mo contaram.

Por isso louvemos a Virgem em quem tanto bem reside”.

A música desta cantiga, que consta das duas versões concordantes já referidas — música que tive ocasião de conhecer directamente e de, sem dificuldade, decifrar, em Agosto-Setembro de 1934, quanto estive no Escorial — encontra-se ainda inédita, salvo — que me conste — a versão que dela deu no vol. II da sua obra monumental sobre *a música das Cantigas de Santa Maria* (Barcelona, 1943), o ilustre musicólogo catalão Mn. Higinio Anglés, actual director do Instituto Espanhol de Musicologia. (Não conto, evidentemente, a interpretação fantasista — incompreensível em face de notação tão clara e inequívoca em todos os sentidos —, dada em 1922 pelo malogrado D. Julián Ribera, na sua obra fundamental, em que expusera a tese arabista que tão discutida tem sido).

Devo esclarecer que, sendo, de resto, evidente por assim dizer, a decifração musical, — notas e ritmo — da cantiga em questão, há concordância entre a versão de Anglés e a minha, divergindo-se apenas quanto à interpretação de alguns sinais que Anglés desdobra em notas diferentes e eu considero indicativos de ligeiras tremuras da voz sobre a mesma nota (o que assinalo com um~), e quanto ao compasso (3/4 segundo ele, 6/8 a meu ver) e à disposição da melodia, que apresento em linhas correspondentes aos versos de metro longo da minha cópia.

Entenda-se que o estribilho era cantado em coro, e as estrofes, alternando com ele, por solista ou grupo de solistas, começando-se e terminando-se pelo estribilho, com a sua música própria, e cantando-se todas as estrofes com a mesma melodia da primeira. Como as cantigas se destinavam a ser cantadas nas igrejas — (e do repertório da igreja do Mosteiro escorialense fazem parte algumas delas, em tempo decifradas, embora precariamente, por eruditos na matéria), julgo que

Pe-sar á San-ta Marri-a de quen por de-sor-re-a faxi
 d'e-la mal a ssa o-má-gem, et ca-ó-mia-llo as-saxi.
 D'es-to di-rei um mi-ra-gre que fe-xo em Fa-a-ron
 a Vir-gen San-ta Ma-xi-a en tem-po d'A-ben Ma-son
 que o rei-mo do Al-gar-ve ti-jon'a que-la sa-xon,
 a qui-sa d'om'es for-ça-do que ven quere-a, que n' paz.

nas igrejas de Faro, como de outras terras portuguesas, a cantiga cuja decifração se publica agora, pela primeira vez em Portugal, poderá ter cabimento, apropriadamente, em algumas festividades religiosas.

Para a execução, farei notar que o *andamento* da música, sendo mais ou menos *ad libitum*, se me afigura, pela natureza da melodia ser um *andante moderado*.

Restaria (perdoem-me os leitores não-músicos mais esta observação fastidiosa...) a questão da harmonização. Julgo que, como para a música gregoriana — e em geral toda a música monódica, antiga ou

exótica, quero dizer, fora do sistema tonal corrente — há que evitar as harmonizações deformadoras, sendo difficilimo explicitar a infusa harmonia subtil, por meio de acordes, mesmo em posições espaçadas ou formalmente defectivas, de cuja trama sucessiva se engendre a atmosfera harmónica adequada; — demais, quando essa tarefa é realizada por pessoas incompetentes e sem o sentimento próprio de tais difficuldades. Assim, preferível é, em princípio, deixar que a melodia se cante conforme for entendida, nua de qualquer acompanhamento. Só depois é que o mestre do canto poderá, com o devido critério, fixar em instrumento acompanhador, uma ou outra nota do baixo, aqui ou ali, ao longo da melodia, adequadamente, a fim de avivar a vaga atmosfera harmónica própria, desejável e tolerável, a qual, todavia, uma vez definida inequivocamente, poderia receber uma harmonização que, sem a deformar, então a enriquecesse...

Muito teria desejado ilustrar esta notícia com a reprodução da iluminura que ocupa a face inteira de uma das grandes folhas de pergaminho do códice escorialmente T. I. 1, — na qual, em seis compartimentos, se detalham as fases do narrado milagre. Ali se vê a Faaron de então, com as suas casas, os seus telhados, as suas ameias, se não na sua realidade, pelo menos segundo a fantasia do iluminador, artista precioso e refinado indubitavelmente. Ao tempo em que estive no Escorial não me foi possível conseguir a respectiva fotografia; e tendo deixado tudo preparado para a obter depois, várias circunstâncias me impediram disso, e por fim, lamentavelmente a maldita guerra em que, com tantos outros, foi subvertido o pobre frade fotógrafo... Mas vou renovar a tentativa.

Olhão, 5 de Novembro de 1947.